

## ANÁLISE DE DISCURSO DO POEMA DE DORA RIBEIRO

Maria Rosana Rodrigues Pinto Gama<sup>1</sup>

NEAD-UEMS

([mariarosana2007@hotmail.com](mailto:mariarosana2007@hotmail.com))

**RESUMO:** Neste artigo de conclusão da disciplina Introdução à Análise do Discurso, apresentamos as contribuições de Michel Pêcheux e sua abordagem interdiscursiva, trajetória e compreensão, a materialidade do processo de significação e constituição do sujeito nos estudos da poesia de Dora Ribeiro. Na análise buscamos problematizar a leitura do poema com as referências da AD.

Palavras-chave: Discurso; Dora Ribeiro; Poesia Contemporânea.

### Introdução

O objetivo deste artigo de conclusão de disciplina Introdução à Análise do Discurso é analisar um poema de Dora Ribeiro do livro “Teoria do Jardim” (2009), utilizando o referencial teórico da ‘ Análise do Discurso, da vertente francesa Michel Pêcheux, que a propõe como um procedimento, forma de pesquisa lingüística, que toma o discurso por objeto de estudo.

A Análise do Discurso (doravante AD), fundada na França por Michel Pêcheux, no final da década de 60 do século XX, toma o discurso por objeto de estudo, reivindica-se interdisciplinar e apresenta esse campo de pesquisa tratando o discurso como processo determinado pelo tecido sócio-histórico que o constitui e interessa-se pela língua funcionando para a produção de sentidos.

---

<sup>1</sup> Este texto é uma proposta de trabalho iniciada na disciplina de Análise do Discurso ministrada pelo Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues, UEMS – Campo Grande-MS.

Para Orlandi (2005), a AD tem como proposta intelectual teorizar a interpretação, onde a noção de leitura é “posta em suspenso”, propondo uma articulação interdisciplinar da teoria da sintaxe e da enunciação; a teoria da ideologia e, a teoria do discurso. A AD coloca como fundamental a questão do sentido e o trabalha visando compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos.

O marco inicial da AD foi lançado por Michel Pêcheux com a edição de sua obra “Análise Automática do Discurso”, que introduz a noção de máquina discursiva. Essa obra foi considerada a concretização das idéias de Louis Althusser oriundas do materialismo histórico, segundo o qual, a ideologia de um determinado grupo inscreve-se na materialidade do discurso, dada a influência do Materialismo Histórico e do Estruturalismo, a tese de Pêcheux foi também influenciada pela psicanálise lacaniana. A contribuição da psicanálise está relacionada com a questão do sujeito. A tese de Pêcheux, sentencia que o sujeito é histórico e ideológico, ou seja, não é o centro daquilo que diz, por isso pensa e age por meio do viés ideológico do grupo a que pertence.

Sendo discurso uma prática social de produção de textos, e pelo princípio que todo discurso é uma construção social, a AD é uma prática e um campo da linguística e da comunicação especializada em analisar as construções ideológicas presentes em um texto. A pergunta que se coloca é **por que o que foi dito o foi dessa forma e não de outra? Como esse texto significa?** Difere-se da análise de conteúdo que propõe a pergunta: que este texto quer dizer? Buscando extrair sentidos dos textos, seguindo os formalistas russos, a AD segue no “como” e não no “o quê”; pensar o discurso e não a mensagem.

Por contestar a ilusão da transparência da linguagem, a AD estabelece o funcionamento da linguagem, como a relação entre sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história e, no processo de constituição de sujeitos e sentidos, a identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade são de efeitos múltiplos e variados, sendo essa a razão para se considerar o discurso muito além da mera transmissão de informação, mas, antes, devemos considerá-lo como efeito de sentidos(Pecheux, 1969).

Os autores da AD destacam a necessidade de formulação e teste de um percurso metodológico que permita a utilização deste referencial, embora destaquem com veemência que essa trajetória tem de se adaptar aos questionamentos que mobilizam o pesquisador e as características do *corpus* a ser analisado.

### **Poesia Contemporânea: Dora Ribeiro**

A poesia é o gênero literário que apresenta-se como expressão do eu-lírico por meio de imagens condensadas e ritmo, que, combinados, revelam um sentido, cujo princípio constitutivo é a equivalência, alcançada pela metáfora. Ardilosa e encantadora, a palavra na poesia faz ecoar o mundo real. Paz explica que as experiências do poeta “as mais secretas ou pessoais se transformam em palavras sociais, históricas.” (Octavio Paz, 2009, p.55)

No discurso poético a palavra ganha atribuições reais e irrealis que permitem que uma mesma palavra possa atribuir ou sugerir significados sempre novos. Dentro do discurso poético, que é envolvente, abrangente e dinâmico, encontramos algumas relações ideológicas e culturais que podem representar o homem e a sociedade através de seu cotidiano. (Soares, data, p. )

Assim sendo, o poético tem a possibilidade de trabalhar com o cotidiano. Para Bakhtin citado por Soares, dentro do discurso poético, a “palavra é o limite da cultura, cada ato cultural usa a palavra de modo diferente. O discurso poético não é a emanção de um Eu lírico individual e soberano.” Já para Aristóteles (Poética, IX, 145b) o “discurso poético deixa você em profunda impressão. O gênero poético não trata do real e nem do irreal, mas do possível.” (Soares, data, p. )

Para Octavio Paz, a poesia é revelação da condição humana e consagração de uma experiência histórica concreta. “ O poema é um produto histórico, filho de um tempo e de um lugar; mas também é algo que transcende o histórico e se situa em um tempo anterior a toda história, no princípio do princípio.” (P.53) Sendo histórico, transcende o histórico.

Ler um poema com a intenção de investigar sua historicidade exige assumir como pressuposto o fato que, devido ao peculiar desenvolvimento do gênero lírico na modernidade, a poesia precisa ser outra em relação ao mundo, precisamente para retornar ao mundo. Bastos e Araujo(2011,p.57).

Para Bastos e Araújo (2011), a voz lírica não se confunde com a voz do autor real. É uma voz também coletiva. O poema lírico mimetiza emoções, sentimentos, reflexões intelectuais de um eu que é o do poeta, mas não se reduz a ele pois permite e requer que outros eus, os leitores, com ele se identifiquem, para que possam sentir e experienciar com a mesma intensidade o que ali está representado.

Torna-se relevante para balizamento do nosso presente estudo, a consideração feita por Daniel Abrão (2012) sobre a poesia contemporânea, quando analisa que essa tenta superar as formas habituais de representação e citação do referente. A necessidade de superação do impasse subjetivo imposto pelas condições contemporâneas e a necessidade de superar as formas de representação social da poesia engajada.

Para Abrão (2012), a qualidade de presença do sujeito na poesia contemporânea quando se trata das poéticas chamadas por ele de “alternativas”, é possível, na investigação da manutenção da subjetividade, encontrá-la em unidades, em poemas e não no conjunto da obra, é também possível encontrar poéticas que desenvolveram uma construção subjetiva de resistência e contundência.

Um conceito de outro teórico de nossos dias, que acrescentamos aqui é do anglo-indiano Homi Bhabha, que situa o poeta contemporâneo no que ele chama de *entre-lugar*, espaço estético de intervenção em que qualquer identidade radical é diluída e o sujeito artístico é livre para ressignificar o imaginário que o impulsiona . (Cyntrão)

A globalização , sobretudo a partir dos anos de 1990, modificou a relação entre arte e realidade, instaurando um novo paradigma que gerou formas cada vez mais híbridas, tanto como reprodutoras das estruturas dominantes, dada a sua proximidade com as linguagens.

Apresentados alguns princípios básicos referentes à poesia, voltamos à proposta de praticar a leitura proposta por Pêcheux, que constitui propriamente a AD. Para iniciarmos este trabalho recorreremos a orientação de olhar leitor à materialidade do texto, objetivando a compreensão do que o sujeito diz em relação a outros dizeres, ao que ele não diz. As palavras, aqui, não têm sentido ligado a sua literalidade, o sentido é sempre uma palavra por outra, ele existe nas relações de metáfora (transparência) acontecendo nas formações discursivas.(Orlandi, 2005)

Nessa perspectiva, o efeito de sentido nunca é o sentido de uma palavra, mas de uma família de palavras em relação metafórica, que é “historicamente” dada. Conforme aponta Orlandi (2005), as palavras de um determinado discurso remetem a outras cujos sentidos são anteriores pela memória discursiva e pela formação ideológica.

Pêcheux (1997) define o interdiscurso como memória discursiva, o já-dito que torna possível todo o dizer. De acordo com este conceito, as pessoas são filiadas a um saber discursivo que não se aprende, mas que produz seus efeitos por intermédio da ideologia e do inconsciente.

Assim, o conceito de interdiscurso relaciona-se ao de memória discursiva, que favorece a análise que efeitos de sentido relativos à presença da interdiscursividade são constituídos no material discursivo analisado. Sendo o interdiscurso articulado ao complexo de formações ideológicas representadas no discurso pelas formações discursivas, é algo que significa antes, em outro lugar e independente.

Teoricamente, e em termos bastante gerais, podemos dizer que a produção da linguagem se faz na articulação de dois grandes processos: o parafrástico e o polissêmico. Isto é, de um lado, há um retorno constante a um mesmo dizer sedimentado - a paráfrase - e, de outro, há no texto uma tensão que aponta para o rompimento.

## O POEMA

no negócio dos cheiros  
está a matéria estreita  
da vida um arranjo  
frustrado entre  
presente e futuro

é um crédito vulgar  
que se carrega sem  
seguro são os vapores  
de um samba guardado  
na memória e esticados  
no terreiro de café do  
meu avô que conheci  
já sem frutos p.85

## Análise

Partimos da orientação teórica de Octavio Paz. As muitas formas e infinita possibilidade de se ler um poema e as outras quantas possibilidades de compreensão que surgirão no mesmo leitor sempre que voltar ao poema. O que buscaremos aqui é um exercício, uma testagem de um percurso metodológico proposto pela Análise de Discurso.

Orientada pelas perguntas: por que o que foi dito o foi dessa forma e não de outra? Como este texto significa? realizamos a primeira leitura do poema. O assunto parece ser uma reflexão sobre questões relativas à vida, ao que é essencial na vida (matéria estreita da vida), onde o tempo presente e futuro apresenta-se como crédito que temos.

Embaladas pela lembrança trazida pelo cheiro, vêm as recordações da infância e a imagem do avô, lembrado por seus terreiros de café, local do passado. A idéia da finitude da vida (arranjo frustrado entre o passado e o futuro), o poema não coloca a palavra passado, embora é lá que o tempo do poema está. A presença da alegria nas recordações da infância (guardados na memória de um samba).

Mas conclui o passado deixando o no passado. Não traz herança (já sem frutos). O poema inicia com uma localização ( no negócio dos cheiros), a palavra negócio é um termo da economia que refere-se a atividade econômica, com o objetivo de gerar lucro; ou toda atividade humana que tem efeitos jurídicos ou ainda pode referir-se a questões pendentes, pendências em geral.

Relacionando os termos ( matéria estreita da vida/ e /arranjo frustrado), temos em estreita ligação um adjetivo que qualifica o que é escasso, que tem pouca largura, algo restrito e limitado, sendo esta a matéria da vida, concluímos ser a matéria da vida algo breve e transitório. Já em “arranjo frustrado”, o sentido pode ser arranjo como as várias combinações que se podem formar e aqui tido como um arranjo que falhou, incompleto, imperfeito.

A visão fugaz da vida pode ser vista nas expressões (crédito vulgar/ vapores guardados na memória/). Ora, se crédito é sinônimo do que tem valor, atributo para o exercício da influência e da autoridade, contabilmente representa saldo, denominar este crédito de vulgar é dizê-lo como um crédito comum, trivial ou ainda, grosseiro ou inferior pode aqui significar um crédito popular, comum a todos, que é o passado.

Ainda sobre os vapores, localização do cheiro exalação, forma gasosa.

/guardados na memória/ e /esticados no terreiro/ são situações de contradição, guardar e esticar não é possível em uma mesma ação, por isto o que se guarda na memória já esteve esticado ( nos terreiros de café). /já sem frutos/ pode ser atribuído tanto aos terreiros de café como ao avô, sua importância, autoridade, poder.

Feita a interpretação, voltamos às referências da AD, às perguntas: por que o que foi dito o foi dessa forma e não de outra? Como esse texto significa? Para responder, recorreremos aos conceitos de interdiscurso e efeitos de sentido.

‘O interdiscurso é todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isso é efeito do interdiscurso: É preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular, separe na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentidos “minhas” palavras’. (Orlandi, 2005.p.33)

### Considerações Finais

Esse tipo de poesia sintética é uma fala íntima da poeta, que acontece entre a síntese da forma e o alcance abrangente do tema, “ a partir do qual emanam inúmeras contradições que resultam no valor estético do poema” (Bastos e Araujo p.58 ). Esta possibilidade de sentido, vislumbrada pela força poética do poema, fala de questões ligadas a vida, ao passado, presente e futuro, que expressam-se pelas acomodações imagéticas que herdeira da poética moderna, a autora traz.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abrão, Daniel. *Aspectos do Sujeito e da Sociedade na Poesia Brasileira ontemporânea*. In Pesquisa em Letras: Questões de Língua e Literatura. 1 ed. Org. Nataniel dos Santos Gomes e Daniel Abrão. Curitiba: Appris, 2012.

Bastos, Hermenegildo e Araujo, Adriana de F. B. (org). *Teoria e pratica da critica iterária dialética*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2011.

Cyntrão , Sylvia Helena .*O Lugar da Poesia Brasileira Contemporanea: um mapa da produção*. Disponível em: <http://www.revistaipotese.ufjf.br/> volume/20art07.pdf.Acesso em 02 de janeiro de 2013.

Jean, Cohen. *Estrutura da Linguagem Poética*. 2 edição. Trad. Álvaro Lorencini e Anne Arnichand. São Paulo: Editora Cultrix. 1966.

Paz, Octavio. *O Arco e a Lira*. Disponível em: <http://teoriaecriticaliteraria.blogspot.com.br/2010/03/o-arco-elira-de-octavio-paz.html>. Acesso em 03 de janeiro de 2013.

Paz, Octavio. *Signos em Rotação*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 2009.

Pêcheux, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlando. 3 ed. Campinas: Pontes, 2002.

Orlandi, Eni P. *Michel Pêcheux e a análise do discurso*. Disponível em [WWW.cpelin.org/estudosdalinguagem/n1junh2005/artigos/orlandi.pdf](http://WWW.cpelin.org/estudosdalinguagem/n1junh2005/artigos/orlandi.pdf). Acesso em 04 de janeiro 2013.

Orlandi, Eni P. *Análise de Discurso*. 6 ed. Campinas: Pontes, 2005.

Ribeiro, Dora. *A Teoria do do Jardim: poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Soares, Dith Jones B. *Análise do Discurso na Canção Buarqueana. O discurso poético e sua relação com outros discursos*. Disponível em <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno05->